

FAZ HOJE 100 ANOS QUE NASCEU O POETA DOS HETERÓNIMOS

CUMPREM-SE hoje exactamente 100 anos — 13 de Junho de 1888-1988 — sobre o dia em que nasceu o cidadão português registado em Lisboa com o nome Fernando António Nogueira Pessoa. Em 30 de Novembro de 1935 morreu, com 47 anos, e celebrou-se o cinquentenário da morte em 1985. Entre as datas do nascimento e da morte (que ele considerava os dados mais importantes da sua biografia) cumpriu-se o poeta que se tornou não só a estrela mais fulgurante da nossa Modernidade, mas também um dos grandes poetas universais do século.

A bibliografia activa e passiva, mais esta naturalmente, cresce a um ritmo impressionante e o nome e obra de Pessoa ganharam definitivamente cidadania em todos os centros culturais do Mundo. As comemorações pessoais, por ocasião do centenário que hoje se evoca, revestem tal eufória que o excesso quase nos amedronta.

O caso heteronímico muito tem aguçado a curiosidade e interesse pelo grande poeta. Valerá contudo recordar simplesmente o que Pessoa escreveu em Páginas Íntimas sobre «o caso»: «Nunca me sinto tão português como quando me sinto diferente de mim — Alberto Caetano, Ricardo Reis, Alvaro de Campos, Fernando Pessoa, e quantos mais haja havidos ou por haver».

Para elaborar esta página comemorativa do Poeta dos Heterónimos, o JN (que também nasceu há cem anos: é mais velho que Pessoa onze dias!) convidou três estudiosos de Pessoa a publicar trabalhos. Teresa Rita Lopes desvenda aos leitores «personalidades literárias» de Pessoa da fase pré-heteronímica; Dalila Pereira da Costa estuda comparativamente a Pátria de Junqueiro e a Mensagem; Fernando Guimarães situa Pessoa face ao antecedente movimento Simbolista. Continuar o estudo de Pessoa até à revelação total do seu «corpo escrito» e sua inserção na cultura portuguesa e universal, divulgar com competência e rigor a obra pessoana, sem mistificações e mitificações, é o modo mais digno de celebrar o centenário do nascimento daquele que disse: «Tanto aspirei, tanto sonhei, que tanto de tantos tantos me fez nada de mim». E ainda, na Mensagem sobre D. Sebastião: «E O que eu me sonhei que eterno dura».

Só nos cabe desvendar o que foi concebido por este sonhador radical da Vida e da Realidade. E diga-se desde já que não é tarefa tranquilizadora das consciências. Toda a obra de Pessoa não é senão um «livro do desassossego»: Sabem disso os que o lêem com paixão — único modo de ler poesia.

M. Neto da Silva

Fernando Pessoa

O QUE BRINCAVA A SER MUITOS

Por TERESA RITA LOPES

O português tem o enjoo fácil. Como o riso e as lágrimas e o entusiasmo. Agora já aperta o nariz e faz o gesto de «restituir» (como dizia o conselheiro Acácio) quando se fala do Pessoa. Enjoo do que nunca comeu, ou pelo menos digeriu: sim, porque o Pessoa que provou e mastigou foi a pastilha elástica que os meios de comunicação lhe andam a fornecer comemorativamente. Se dele se alimentasse como de pão já não corria esse risco. (Por mim, não conheço ninguém que tenha enjoado o pão). Comemorá-lo Pessoa é, para mim, um pouco como assinalar o «Dia da Arvore»: não é a acácia da minha rua nem a da tua a homenageada. É a Natureza que é necessário preservar do lixo e das bombas desse terrível bicho-homem.

Tal como a Natureza, o que neste Mundo está, neste momento, ameaçado de morte, é aquilo a que chamarei a cultura das humanidades. E a poesia é a sua mais frágil voz e o seu mais alto expoente. Poesia não é verso. É uma voz que do fundo do homem abre caminho para o arrancar à inércia de ser «a besta sadia», «cadáver adiado que procria» (como dizia o poeta).

O primeiro homem que inventou um balão para fugir ao peso da gravidade e ampliar a sua visão do Mundo é tão poeta como o mítico Ícaro que inventou umas asas logo por azar de cera. Ou como o menino lançando esse papagaio de papel ou esse balão que lhe transmite aos dedos a fome de voar.

Para cada um a sua poesia, não me vou

pôr para aqui a definir o que é, mas o que é preciso é que cada um a tenha e a defenda para continuar vivo. Para não virar robô.

Se identifico Pessoa com poesia é porque a obra pessoana é um mundo. «Ter-me-ei volvido uma nação?» é expressão que utilizou a meias com outro parceiro, o Mário de Sá-Carneiro. Na medida em que apenas viveu para criar essa obra-nação em que se tornou, Pessoa acolhe-nos sempre com qualquer novidade a cada nova incursão nos seus amplos domínios. Muito mais amplo, aliás, do que se julga e afirma. Não foi ainda de facto feita a viagem de circun-navegação desse mundo que alguns pensam que conhecem porque supõem que essa obra acaba onde termina a visão que dela têm. Não foi ainda dobrado, de facto, o Cabo das Tormentas de milhares de papéis soltos de leitura que às vezes parece impossível. Acontece, porém, que quando se consegue refazer primitivos conjuntos esfacelados, a página solta, antes ilegível, começa a revelar os seus segredos. Isso é o que eu, com mais vinte pessoas, temos andado a tentar fazer. E se não vemos ainda, como Pessoa saboreia dizer na Mensagem: «...a Terra inteira de repente / Surgir, redonda, do azul profundo» é porque ainda vamos no princípio dessa viagem e ainda só dobrámos alguns cabedelos menos tormentosos... Mas a viagem continua. E já temos tido o alvoroço de entrever terras desconhecidas. Por exemplo, algumas das «personalidades literárias» (que ele distinguia dos Heterónimos, apenas três) daquele que na

obra, como na vida, brincou a ser muitos. Vemo-los surgir dos confins da infância desse menino que, quando retomou contacto com as suas raízes portuguesas em 1901-1902 se empenhou, percebe-se, a ser escritor nessa língua. Assistimos ao nascimento de Eduardo Lança no *Palrador*, um dos dois jornais manuscritos que criou durante essa permanência, de um ano, primeiro em Lisboa, depois em Angra do Heroísmo. (O outro chamou-se *A palavra*). Iniciando o que vai ser o processo do seu desdobraimento heteronímico, deste E. Lança nos dá (outro colaborador do jornal...) uma bibliografia bastante completa. Resumi-la-ei dizendo que é brasileiro, nascido na Baía, que, como Pessoa, fez estudos comerciais e no ramo do comércio fará seu ganha-pão... — em Lisboa onde escolheu viver! No é difícil imaginar que esta sombra luso-brasileira irá desembocar no Pessoa — Soares que fez da Baía lisboeta não só seu lar mas também seu escritório... Lança é sobretudo poeta, e o *Palrador* apresenta-nos algumas das suas composições.

Também o dr. Pancrácio se manifesta neste jornal. Autor de crónicas, contos, poemas, inúmeras charadas e até um livro anunciado: *Branco e preto*, é sobretudo um humorista.

Dr. Pancrácio (este retintamente português) e o *Palrador* o deu à luz através de Angra do Heroísmo (onde permaneceram de Maio a Setembro de 1902 e onde Pancrácio se tornou director de outro jornal, *A*

Palavra), depois para Lurban, e ainda de vram ambos sinal de vida em Setembro de 1905, agora já, de novo, em Portugal! Pessoa tinha regressado definitivamente a Lisboa um mês antes.

Se refiro a existência destes pré-heterónimos, aliás já nitidamente «personalidades literárias», segundo a própria designação de Pessoa, é porque as considero não-pouco curiosas e anedóticas mas processo exemplar desse que quis ser, ele sozinho, o povoador da nação em que se tornou. Este jornal, *O Palrador*, é disso uma amostra. Já ai Pessoa faz o que não deixou de fazer durante toda a vida, essa vida inseparável da obra; brincar a ser muitos. Tão simples, afinal, o segredo da tão discutida heteronímia.

Os primeiros com que brincou não foram autores porque ainda não sabiam escrever: o Chevalier de Pas e, segundo conta, esse outro, também francês e por acaso capitão, de nome Thibeau (como conta na carta a Casais Monteiro). Creio que este dr. Pancrácio e Eduardo Lança são, por isso, os primeiros pré-heterónimos, destacáveis da massa considerável dos outros «jornalistas» que faziam *O Palrador*.

Acrescentarei apenas — que mais não cabe hoje aqui — como é significativo vê-los, lado a lado, português e brasileiro, esses dois cultores do que mais tarde Pessoa chamaria a pátria-língua-portuguesa. E fo Bernardo Soares, que até por sinal tem parências com Lança, quem disse: «a minha pátria é a língua portuguesa».

Portugal

ENTRE A PÁTRIA E A MENSAGEM

Por DALILA PEREIRA DA COSTA

O poema de Guerra Junqueiro, se apresentará sob o esquema do drama, o de Fernando Pessoa mais sob o do mito; mas ambos, usando o símbolo e simultaneamente na referência realista à história pátria e nela inserindo-se em ordem no tempo. E, propósito capital partilhado por ambos: tendendo a uma auto-gnose que, em interperação muito directa a todos nós, pretenderá ser caminho de reencontro de uma alma pátria consigo própria para sua regeneração, acesso a nova vida e novo mundo.

A perca da alma da pátria e consequente desintegração desse ser colectivo, os dois poetas-profetas a datarão de Alcácer-Quibir (em Junqueiro, vista violenta e quase unívocamente se processando pela, e através da dinastia de Bragança), e apresentando-se no transcurso dessa história, em drama ou mito, como processo de psicose (na Pátria, personificado no Doido): em descolamento do real, fixação destrutiva no passado, sono. Escuridão, indecisão de formas, tal o cenário do começo ou fim respectivamente, desses dois poemas. Mas ambos, na sua essência profética, respeitando o segredo pátrio: «Noite de tormenta. Céu caliginoso». «Mistério... mistério...». Ou: «Fita, com olhar sphingico e fatal, O Ocidente, futuro do passado». «Tudo é disperso, nada é inteiro, O Portugal, hoje é nevoeiro».

Mas também, ambos os poetas, em toda a tragédia pátria assumida e vivida consciente e carnalmente, em comunhão de amor, eles farão esse apelo a um reencontro de uma alma perdida.

Em mais declarada esperança e alegria, por Junqueiro, ao fim do seu poema, «Invisivelmente, saudando a luz, as cotovias gorgelam». Ou por Pessoa, num brusco e urgente modo, aos portugueses: «É a hora! Valet, Frates!»

Nesta data memorada, 10 de Junho, será de utilidade para todos nós, lermos mais uma vez estas duas obras capitais do génio português, inspiradas. E meditarmos longamente sobre esse apelo de autoconhecimento, muito directo e pessoal que ai nos é feito; e que, mais do que nunca, se mostrará urgente para o reassumir de uma identidade perdida ou alma extraviada: e sua futura e nova missão no Mundo.

Assim, leiamos a *Pátria*; e seu *Balanço patriótico*, indispensável; violento e lúcido diagnóstico, mas feito em amor, e tão actual. «Um povo em catalepsia ambulante, não se lembrando de onde vem, nem onde está, nem para onde vai». E nessa desorientação e obnubilação, ele é, e foi, um povo sempre pugnando pela sua liberdade, mas com tendência à cisão e desagregação como ser colectivo (já presentes desde seu longínquo passado, na época pré-romana, em Lusitanos e calaios); assim, o poeta então clamando por um modelo de condutor e condensador de suas energias: «A metempsicose em moderno, do grande Condestável, eis o meu sonho. Um justiceiro e um santo».

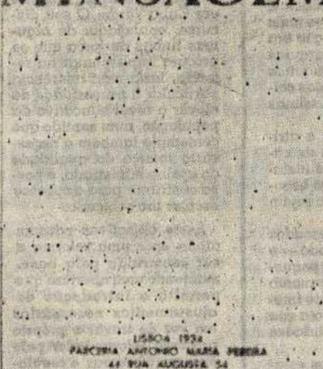
A *Pátria* abre-se em cenário de noite e tormenta, escuridão e fragor de relâmpagos, no castelo real à beira-mar. O rei, entre cortesãos traidores, e cães, indeciso perante o tratado com Inglaterra, «Necrológio a assinar pelo

defunto» e alucinado perante o espectro do doido, na escuridão, desfiando seu monólogo plangente: «Ai, na batalha destruído (...) Fui-me deitar... dormi... Endoueci (...) Tive castelos, fortalezas pelo mundo (...) Como me chamo? (...) Ai, não me lembro!... perdi o nome na escuridão (...) Canta e solça». Diz o rei: «Traze um livro na mão, repara! (...) trapos todas as folhas»; e lê: «Esta é a ditosa pátria minha amada (...) apagada e vil tristeza». Diz o Astrologus: «Não a larga da mão, andalhe tão afeito, Que até dorme com ela escondida no peito».

E entram depois em cena perante o rei, seu antecessor da dinastia de Bragança, um a um, como desagregação crescente; e ao fim, «O espectro de Nunalvares atravessa, respaldado de escuridão nocturna», como raiz de morte. Aparição que marca o incêndio consumindo o castelo, como metáfora do Doido. «O lavaredas d'oirol / O lavaredas santas! (...) Mal sabeis... mal sabeis o que eu vou ter!... A minha alma! A minha alma!... nova... nova / Como um sol de aelueia a refulgir!» E «dentre os escombros, fumegando, ergue-se religiosamente, em ascensão eucarística, um vulto angélico de mulher (...) O Doido, em frente da alma, já recuperando a lucidez: O alma vaga-



MENSAGEM



bunda, alma exilada/Eis teu corpo infeliz, tua triste morada/Vê, que abandono e que pobreza! (...) A alma embebede-se-lhe no corpo».

Com a recuperação da alma, vem-lhe a consciência da identidade, actual e passada, como memória, «Cavaleiro e argonauta vagabundo/Gravando sobre a terra e mar profundo/Mil roteiros de luz os passos meus/Como se houvesse circundado o mundo/Listrando-o a fogo do Espírito de Deus! (...) E a alma da humanidade, imensa e vária, N'ua de mar de assombros, tumultuária / Bateu um dia junto no meu peito!». E com a memória, virá o acto de contrição, necessário à vinda do ser novo, regenerado; «lembrando glórias passadas (...) e suas infâmias e vergonhas», o Doido aceita o sofrimento criador, o despojamento de ascese, em obediência, esperando o perdão. Ao cavaleiro argonauta, ficará a lira de ouro, para «A batalha do amor e da verdade».

E «derretendo em pranto/As máculas do crime; e o criminoso/Vestido de esplendor, ficará santo (...) Revive em Dor, alma infinita/Na Dor bendita espera e crê!».

E é sob o modelo do Gólgota que se termina a paixão dum pátria: o doido é levado na derrição, por um bando de corsários epilépticos e traidores, ao

alto da montanha e pregado numa cruz com o dístico: «Portugal, rei do Oriente». Neste último passo de uma paixão, surgindo a figura de um velho aldeão, «D'um povo exilado ficou ele só, cadáver ambulante», levando «aninhada nos braços uma criança forte e luminosa (...) Fior d'esperança... Nasceu d'um cadáver».

Assim, a figura mítico-religiosa da Criança Eterna, como semente de nova vida, surgirá aqui, entre referência cristã e pátria, como o Menino, fechando e abrindo um círculo sagrado perfeito, de paixão e ressurreição, entre passado e futuro.

Agora, descendo ou revertendo, a realidade quotidiana e situada de novos dias, em que os camponeses, para mal do mundo e de uma pátria, estão em extinção, sob a acção conjugada e dissolvente da urbanização, industrialização, emigração e meios de comunicação social, meditamos sobre este modelo de regeneração apresentado em esperança, em toda a excelência de sua natureza, por um profeta português: um século passado sobre o surgimento da *Pátria* (1896).

Para a mesma ressurreição de Portugal, clamará também a Mensagem. Não se construindo tão explicitamente como perda de uma alma, e com o modelo ortodoxo da paixão, mas heterodoxo, unindo-se ao rosacruzismo; e pondo a esperança dessa pátria, não numa geração forte e pura, vinda do fundo de sua origem e matriz telúrica, humus, corpo da terra-mãe; mas antes, esse redentor sendo identificado a D. Sebastião, que sofre uma paixão para subida à luz dessa pátria. Tudo aqui se apresentando em esquema tripartido, no rigor da construção simbólico-hermética.

Brasão, Mar Português, O Encoberto: uma história sagrada pátria, fazendo-se através da apresentação de sua heráldica e seus Heróis Fundadores, sua Aventura, como «posseio maris», que se dissolverá e resolverá n'«o mar universal e a saudade» e na esperança que «outra vez conquistemos a distância — do mar ou outra, mas que seja nossa!» E tudo se terminando na abertura sobre a vinda do Encoberto, como restauração da pátria e do Mundo, pátria final. O rei ressuscitado virá, depois de seu longo sono, como ocultação, latência necessária de forças, para salvar seu povo e inaugurar essa nova terra, sem contradições nem mal, de paz e harmonia, como aquela a que «tirará toda a escória», como disse o sapateiro de Trancoso; ou como Quinto Império. Anunciado por esse Bandarra, Vieira e o próprio Pessoa. Ou a terra da verdade e vida imortal, isenta de mal, como a procurada outrora nas aventuras, reais ou imaginárias, dos portugueses, com o nome de *Ilhas Afortunadas*. E no fim da Mensagem, toda a paixão se revertendo assim, diferentemente da *Pátria*, num messianismo e soteriologia de teor esotérico cristão: «Na Cruz morta e fatal/A Rosa do Encoberto». D. Sebastião surgindo empossado nacional e universalmente, de toda a realidade salvífica de Cristo.

Diremos que nos poemas dos dois profetas portugueses do século XX, no fim da *Pátria* será mais acentuada a esperança e a luz, nessa teofania da Criança, com olhos de «estrelas inocentes», acompanhando-se desse coro angélico das aves do céu; no fim do *Mensagem* será mais acentuada a penumbra, indecisão e dispersão, de uma *Antemanhá*, depois da *Noite e Tormenta*. E só nessa incerteza de luz, partindo a final interperação, de irmão e condutor, em toda a sua força, como mandado e grito de alerta para nova Aventura ou ressurreição pátria: «Valet!». *Porto, 10 de Junho 1988*



OU UM MODO DE ACERTAR AS CONTAS

Por FERNANDO GUIMARÃES

HA quem fique mais ou menos irritado com a celebração de cinquenta anos, centenários, etc., e há boas razões para isso. O que é certo, porém, é que circunstâncias como estas permitem que, alargadamente, o público seja sensibilizado para certos momentos importantes do desenvolvimento da nossa cultura. E, muitas vezes, estes ficariam envolvidos numa duvidosa penumbra se tais ocasiões não surgissem.

Não é esse o caso de Fernando Pessoa, pois a sua obra atingiu hoje uma ressonância invulgar. Mas se-lo relativamente a um movimento literário anterior ao nosso Modernismo e em relação ao qual Pessoa se mostrou particularmente atento. Trata-se do Simbolismo, e — para que se faça aqui um acerto de contas — diga-se desde já que no próximo ano se perfazem cem anos relativamente às primeiras manifestações desse movimento.

Fernando Pessoa, numa carta em que se refere à sua formação cultural, diz que, na fase a que chama a da sua «terceira adolescência», vivera «na atmosfera (...) dos decadentes franceses, cuja acção me foi subitamente varrida do espírito pela ginástica sueca e pela leitura de *Dégénérescence*, de Nordau». Ora se aproximarmos esta irónica referência das que constam nas «notas sobre Fernando Pessoa», coligadas por Armando Cortes-Rodrigues sobre informações prestadas pelo seu companheiro de geração, encontraríamos, como referência cronológica, os anos de 1905-1908.

ta do nosso poeta simbolista Camilo Pessanha, por volta de 1910.

Os que são «tratados como doidos»...

Importa desde já reconhecer que a tradição simbolista podia de certo modo propiciar uma estética de vanguarda, como exemplarmente ocorre, considerando-se a sua expressão na literatura francesa, naquelas mais vivas opções que se inspiraram em Mallarmé ou em Rimbaud. Por isso, Fernando Pessoa, que, aliás, não parece mostrar uma desmesurada predileção por Mallarmé ou revelar qualquer especial atenção relativamente a Rimbaud, não deixa de fazer, pela boca do seu heterónimo Alvaro de Campos, esta afirmação relativamente ao primeiro: «os génios inovadores foram sempre tratados como doidos (como (...) Mallarmé».

Recordemos que Mallarmé — comumente apontado, hoje, como o poeta simbolista por excelência — era em geral considerado um decadente. Rémy de Gourmont, que adopta essa designação, vê, no entanto, o problema com mais justiça quando afirma que «a ideia de decadência foi assimilada à sua ideia contrária, à própria ideia de inovação». Passaríamos, assim, do terreno pisado outrora por Max Nordau, que via no Simbolismo e no Decadentismo uma degenerescência ou regressão não só literária mas também moral, para um outro em que, como fez Paul Bourget em *Essais de Psychologie Contemporaine*, seria licito entrever apenas a «decadência desse outro organismo que é a linguagem». E acrescenta que o estilo da decadência é aquele em que se verifica uma aproximação analítica do texto, uma «decomposição» — para usarmos as suas palavras — que daria lugar à «independência da palavra» ou, como dirá mais adiante, a «alterações de vocabulário, a subtilizações de palavras que tornam o estilo ininteligível».

É, pois, no plano da linguagem que se

pode entender toda a inovação que vai ocorrer com o Decadentismo e o Simbolismo. Fernando Pessoa teve disso consciência ao considerar o tão invectivado «estilo ininteligível» próprio da poesia simbolista, estabelecendo, como fundamental, a diferença entre a «obscuridade de expressão» e a «expressão de obscuridade», sendo esta última, afinal, a realidade do poema considerada enquanto linguagem ou — para assim estarmos mais próximos dos termos que Fernando Pessoa utiliza — enquanto realização estética. O que Paul Bourget, a entrever, foi efectivamente realizado por Pessoa...

Pessoa e a poética simbolista

Segundo Pessoa a base de toda a arte é a sensação; mas «para passar de mera emoção sem sentido à emoção artística, (...) essa sensação tem de ser intelectualizada, deve ser como tal concebida, o que acarreta um segundo processo de intelectualização. É este duplo processo, afinal, que confere o «poder de ela ser expressão». Por outras palavras: a intelectualização de uma intelectualização corresponde, como considera Fernando Pessoa no passo que estamos a comentar, ao «poder de expressão», entendido, indubitavelmente, como um poder da própria linguagem.

Dai a abertura de Fernando Pessoa, tantas vezes manifestada, quanto a uma poética de procedência simbolista, pois, nela, a configuração verbal é efectivamente determinante. O grande desvio de Fernando Pessoa, em relação a tal poética, está em optar por um analítico, por um desdobraimento intelectual que, entre os simbolistas, só a obra de Mallarmé anunciou plenamente.

Nos textos teóricos de Pessoa não há muitas referências a Mallarmé. Numa passagem chega mesmo a considerá-lo que há de erroneo em «fazer da poesia música», o que, segundo Pessoa, com Mallarmé aconteceria. São conhecidas a comparação que